



Ana da Fonseca Martins
Psicóloga e psicodramatista.

135

Iza Rodrigues da Luz

Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - FAE/
UFMG e do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Infância e Educação Infantil (NEPEI).

UM DIÁLOGO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CAPACIDADE SIMBÓLICA DO SER HUMANO A PARTIR DAS TEORIAS DE MORENO E WINNICOTT

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo promover um diálogo entre as teorias de Jacob Levy Moreno e Donald Woods Winnicott objetivando compreender a relevância dos primeiros anos de vida no processo de desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE

Psicodrama, Desenvolvimento Infantil, Psicanálise.

ABSTRACT

The present work aimed to promote a dialogue between the theories of Jacob Levy Moreno and Donald Woods Winnicott in order to understand the relevance of early life in the process of human development.

KEYWORDS

Psychodrama, Child Development, Psychoanalysis.



INTRODUÇÃO

O estudo proposto foi realizado a partir da pesquisa do tipo empírica documental, com pesquisa bibliográfica de textos sobre a teoria do desenvolvimento humano de Jacob Levy Moreno e Donald Woods Winnicott. O objetivo desta pesquisa foi o de promover um aprofundamento sobre a teoria de desenvolvimento de cada autor e posterior análise de seus conceitos semelhantes e discordantes. Para tanto, foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1979) de textos de Moreno e Winnicott que tratassem dos primórdios do processo de desenvolvimento, agregando-os nas seguintes categorias: relação mãe e filho, relevância do corpo no desenvolvimento infantil, conceito de espontaneidade e importância da primeira infância para a constituição da personalidade. Em seguida, foi elaborada uma tabela para demonstração dos dados divergentes e convergentes entre as duas teorias.

Na conclusão, destacamos o fato de as teorias apresentadas sinalizarem a necessidade de fomentar trabalhos que possam sensibilizar pais, cuidadores e professores sobre a importância dos primeiros vínculos estabelecidos entre eles e as crianças para o desenvolvimento saudável destas.

MATRIZ DE IDENTIDADE: MORENO E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Matriz de Identidade é a teoria criada por Jacob Levy Moreno sobre o desenvolvimento humano e refere-se ao ambiente social em que a criança se insere ao nascer e onde desenvolve suas potencialidades psicológicas, sociais e relacionais. Na tentativa de conceber os conceitos dessa teoria, Moreno priorizou a análise das relações sociais que envolvem o indivíduo ao nascer. Nas palavras do autor, a Matriz de Identidade é “*a placenta social da criança, o locus em que ela mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia.*” (MORENO, 1975, p. 114).

A Matriz de Identidade divide-se em dois universos, dos quais o primeiro universo subdivide-se em dois tempos e o segundo, em três tempos. Cada um desses tempos possui características próprias, mas respeita o mesmo movimento gradativo de desenvolvimento das capacidades relacionais.

Cada ser humano possui uma matriz de identidade única, e a preparação para o surgimento dessa matriz inicia-se durante a gestação, através das condições históricas, territoriais e culturais em que o átomo



social¹ que assumirá o cuidado dessa criança está inserido. Moreno dá o nome de *Locus Nascendi* a essa configuração anterior ao nascimento. Associado a essa configuração está o movimento, ou *Status Nascendi*, que conduz ao surgimento da matriz de identidade e apresenta-se no desenvolvimento do bebê rumo a uma vida mais madura e complexa. Moreno considera o *Locus Nascendi*, o *Status Nascendi* e a Matriz de Identidade, três ângulos de um mesmo fenômeno.

A RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHO

Durante o primeiro tempo do primeiro universo, isto é, a fase que se segue ao nascimento, a criança, que durante a gestação mantinha um vínculo orgânico com a mãe, apresenta-se separada fisicamente desta. No entanto, não há consciência de separação e a criança permanece com o sentimento de indiferenciação entre ela, a mãe e o mundo. (MORENO, 1975).

É através de cuidados como a alimentação que o bebê inicia sua experiência no mundo dos vínculos. Durante a amamentação, a mãe associa aos aquecedores físicos da criança seus aquecedores mentais, interpretações dos movimentos da criança, ou seja, ao movimentar os lábios a criança aquece-se fisicamente e a mãe, ao entender que a criança está com fome, aquece-se mentalmente para a ação de amamentar. Ao oferecer o alimento, a mãe oferece junto o papel de ser cuidado. Durante o período inicial de vida do bebê, há uma adoção infantil de papéis que tem a função de gerar gradualmente uma expectativa com relação às ações desempenhadas pelos parceiros envolvidos na relação. Estes primeiros papéis infantis são denominados psicossomáticos, pois têm ligação direta com zonas de aquecimento corporais.

À proporção que a criança avança na maturação cerebral e do sistema nervoso central, bem como, dispõe da estimulação social necessária, sua capacidade de diferenciação se desenvolve gradativamente. E ela caminha rumo ao segundo tempo do primeiro universo. Nesta fase há um significativo desenvolvimento na diferenciação entre ela e o mundo. A criança desenvolve um proto-eu, e circula pelo átomo social com uma

NOTA:

1. Para Moreno, átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolve a partir do nascimento. Em sua origem, compreende a mãe e o filho. Com o correr do tempo, vai aumentando em amplitude com todas as pessoas que entram no círculo da criança e que lhe são agradáveis ou desagradáveis e para as quais, reciprocamente, ela é agradável e desagradável. (Gonçalves, Wolff e Almeida, 1988, p. 63).



frágil distinção entre ela e os outros membros da família. Reconhece pessoas familiares e interage com sorrisos e movimentos corporais. A mãe, no entanto, continua sendo sua principal referência de ligação com o mundo, e a criança nesta fase desenvolve um fascínio pela mãe, mantendo-se atenta a seus gestos e movimentos. Moreno reconhece no fascínio da criança a descoberta da existência do outro, um sinal que denuncia o início da noção de diferenciação. Simultaneamente, a percepção da dimensão espacial, através da gradual aquisição do sentido de próximo e distante, associa-se o desenvolvimento de preferências por certas pessoas e objetos com relação a outros. Esse é o início do desenvolvimento da Tele² e sinaliza a evolução da criança no mundo das relações sociais, pois, aponta para o surgimento da distância, ou limite, necessária para a construção da intersubjetividade.

Ao entrar no primeiro tempo do segundo universo, ou período do reconhecimento do Eu, a criança “*centra-se em si mesma e desenvolve suas relações de forma egocêntrica*” (FONSECA, 1980, p. 88). A ligação simbiótica que a criança mantém com a mãe vai se ramificando para outros membros de sua convivência seguindo a mesma lógica de pouca diferenciação entre a criança e o mundo.

Seguindo seu trajeto na Matriz de Identidade, a criança entra no segundo tempo do segundo universo. Nesse período a criança se dilui na observação de pessoas e objetos. Como os limites do eu ainda não estão bem definidos, a criança se perde de si mesma enquanto conhece o mundo que se apresenta para ela.

Para Fonseca (1980) essa fase de reconhecimento do outro está presente simultaneamente à fase do reconhecimento do eu. Nesta fase a criança desenvolve relacionamentos em corredor, ou seja, as relações não são apenas com a mãe, mas seguem o mesmo padrão exclusivista onde o “*Tu é meu e de mais ninguém*”. (FONSECA, 1980, p. 90)

A aquisição mais importante dessa fase é a *Brecha entre a Fantasia e a Realidade*. É a partir da distinção entre fantasia e realidade que a criança efetivamente rompe com o primeiro universo da Matriz de Identidade e adquire a capacidade de entender as diferentes relações sociais, suas possibilidades e seus limites. A habilidade de diferenciar entre processos fantasiosos e reais origina-se das frustrações experimentadas pela criança nas relações estabelecidas em seu átomo social. Nesta fase é fundamental que os cuidadores da criança, especialmente os pais, apresentem as regras sociais, que desencadeiam sentimentos de frustração na criança. À medida



que a criança vai despertando para os movimentos de resistência dos pais à sua ação sem limite, ela começa a distinguir o espaço onde seu poder tem limite, a realidade, e o espaço onde seu poder é ilimitado, a fantasia (MORENO, 1975).

Com a diferenciação dos processos em reais e imaginários, os papéis que antes eram ligados a funções corporais, agora se diferenciam também em papéis sociais, associados a realidade e interação social, e papéis psicodramáticos, associados à dimensão da fantasia e do imaginário. Enquanto os papéis sociais são marcados pela dinâmica social presente, os papéis psicodramáticos são marcados pela singularidade da fantasia de cada pessoa. A possibilidade de manter essas duas dimensões de papéis interligadas é através de ações espontâneas, em que a singularidade da pessoa e o ambiente social se encontram em uma ação comum.

A criança adquire, a partir dessa brecha, a capacidade de desapegar-se de si mesma e brincar com outros papéis, retornando ao seu lugar social ao fim da brincadeira. Essa é uma capacidade que ela exercitará durante a próxima fase da Matriz de Identidade.

No terceiro tempo do segundo universo, a criança segue seu desenvolvimento rumo à aquisição da capacidade de *Inversão de Papéis* e a possibilidade de uma relação de reciprocidade e mutualidade.

Nessa fase as brincadeiras de imitação tornam-se mais frequentes, servindo como experiências de pré-inversão de papéis, em que a criança treina a inversão em um ambiente seguro (FONSECA, 1980). Os exercícios dessas brincadeiras, associado ao estímulo dos pais, é fundamental para que a criança desenvolva a capacidade de se colocar no lugar do outro e viver uma relação de reciprocidade e conviver harmoniosamente em suas redes sociométricas³.

Durante esta etapa da Matriz de Identidade, a criança tem a oportunidade de vivenciar vínculos de hierarquia horizontal, ou seja,

NOTAS:

2. O fator Tele recebeu diferentes acepções nos escritos de J. L Moreno, tornando difícil aferir a esse termo uma conceituação única (Aguiar, 1939). Em uma de suas citações, Moreno descreve Tele como “um sentimento que é projetado a distância; a unidade mais simples de sentimento transmitida de um ser humano a um outro” (Moreno, 1975, p. 135). Apesar de difuso, esse termo possui algumas características, como: realizar-se no campo inter-relacional e ser marcado por uma sensibilidade aos processos internos do outro em mutualidade.

3. “Redes sociométricas são compostas de vários átomos sociais, nem sempre evidentes... são fenômenos objetivamente observáveis, apesar de sua constituição, discorrem também de variáveis subjetivas.” (Gonçalves, Wolff e Almeida, 1988, p. 64).



ela experimenta papéis de qualidade fraterna, com irmãos ou amigos. Com isso, a criança torna-se mais independente da relação com a mãe, aventurando-se agora em outros átomos sociais, como a escola.

A RELEVÂNCIA DO CORPO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Durante o nascimento, mãe e filho já utilizam dispositivos corporais para propiciar o nascimento e permitir uma nova qualidade de relação na qual o corpo de ambos será o palco de encontro. Segundo Fonseca (1980), a criança, ao entrar na Matriz de Identidade, é regida pelos mecanismos interoceptivos, ou seja, chora quando sente fome, frio ou dor. Por não possuir um mundo interno ao nascer, o bebê experimenta o mundo a partir de zonas corporais fragmentadas. Essas zonas são ações momentâneas ligadas a uma função vital, que articulam partes do corpo do bebê, da mãe e do espaço entre eles, ou seja, algumas partes do corpo mais operacionais enchem-se de energia viabilizando a ação das zonas de aquecimento. Essas zonas possibilitam à criança a sensação de existir, pois, todo o foco da criança dirige-se a uma ação, como mamar, defecar ou urinar. *“O significado de cada zona consiste em ser formada no interesse de uma ação indispensável da criança e, portanto, estimula a criança a concentrar-se na ação dessa função.”* (MORENO, 1975, p. 107).

Para que as zonas possam ser ativadas, a mãe associa aos aquecedores físicos da criança seus aquecedores mentais, isto é, ela desenvolve interpretações sobre os movimentos da criança. Sem essa junção, a criança não desenvolve seu contato com o mundo. Portanto, é fundamental a sintonia entre o pensamento e o toque maternos e as necessidades da criança.

A criança nesta fase não articula a lógica do tempo linear, para ela não existe nem passado, nem futuro, existe apenas o momento presente. Para transformar esse momento presente em uma experiência de contato com o meio ambiente, o bebê recorre aos arranques físicos, ou seja, movimentação braços, pernas, lábios e cabeça, gerando o que Moreno chamou de *Fome de Atos*. Essa movimentação constante, no entanto, apenas se torna uma experiência de contato se um ego auxiliar somar aos aquecedores físicos da criança seus aquecedores mentais e oferecer um papel psicossomático ao bebê. Nestas experiências ainda não há um espectador interno que interpreta as situações vividas e permite que estas sejam recordadas. Nesta fase a criança é absorvida pelo ato e vive apenas no momento presente. A criança é o acontecimento.



Na fase que se segue, chamada de período da identidade total diferenciada, a criança, que anteriormente era uma recém-chegada no mundo das relações sociais e dependia inteiramente dos egos auxiliares para interagir com o meio ambiente, agora possui esquemas corporais mais articulados, o que lhe oferece uma rudimentar experiência de integração corporal. Esse fato, também, demonstra que o foco da criança não necessita com tanta frequência de arranques físicos para direcionar-se. Com isso, há um decréscimo da *Fome de Atos*, pois, a experiência de existir não se mantém apenas durante a ação. Isso demonstra um desenvolvimento da vida subjetiva da criança.

Ao entrar no primeiro período do segundo universo, as vivências de integração dos esquemas corporais iniciados na fase anterior culminam com o reconhecimento, da criança, de sua imagem no espelho. Esse processo gradativo de reconhecimento de si mesmo começa com a experiência corporal e caminha para o reconhecimento subjetivo do eu. No início, a criança refere-se a si mesma como se fosse outra pessoa, fazendo uso da terceira pessoa do singular e de palavras como “o bebê”, ou “o neném”. Mais adiante, passa a utilizar e entender a palavra “eu”. Descobrir o significado da palavra “eu” demonstra a constituição de um mundo subjetivo. A criança segue em direção ao que Naffa Neto (1980) chama de corpo pessoal, em que a criança percebe-se como um corpo integrado, mas desconhece sua identidade social.

O CONCEITO DE ESPONTANEIDADE

Um dos principais conceitos na teoria moreniana, a espontaneidade, é um fator em que se articula hereditariedade e ambiente social, desenvolvendo-se no indivíduo através das relações que este estabelece ao longo da vida. É por meio da ação espontânea que o ser humano pode se relacionar com o mundo que o circunda de forma singular. (MORENO, 1975).

O nascimento é considerado por Moreno como o primeiro ato espontâneo do ser humano. Durante todo o período de gestação, mãe e filho se preparam para o momento do nascimento. Pouco antes do parto, mãe e bebê iniciam uma série de movimentos que culminarão na expulsão do bebê do ventre materno, esses movimentos, chamados aquecimentos preparatórios, são fundamentais para a ocorrência do ato espontâneo de nascer. Moreno reconhece a construção física e subjetiva da diade mãe-bebê em direção ao encontro do nascimento e a combinação da ação de ambos para um mesmo objetivo.



A espontaneidade não deriva de outros estímulos, ela é pura, e condição essencial para o pleno desenvolvimento da capacidade humana de criar. A aquisição da capacidade de se relacionar singularmente com o ambiente social inicia-se no ato do nascimento e desenvolve-se positiva ou negativamente, de acordo com as relações vividas dentro do átomo social.

IMPORTÂNCIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA PARA A CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE

O caminho que uma criança constrói ao percorrer a Matriz de Identidade organizará os modos de ser e agir do adulto que virá a se tornar. Os vínculos formados durante as primeiras fases do desenvolvimento são internalizados durante a construção da subjetividade da criança. Sendo assim, as futuras relações estabelecidas com o meio social estarão marcadas pelas características singulares destes vínculos.

Para Fonseca (1980), dentro de cada ação, pensamento ou posicionamento assumido por um ser humano está inscrita sua Matriz de Identidade, ou seja, existe um registro das relações mais primitivas da infância que permeia a forma singular com que cada ser humano se relaciona com a realidade. Esses registros abrangem as situações captadas, tanto consciente quanto inconscientemente. E não se restringem ao nível psicológico, mas se estendem aos níveis biológicos e sociais. Para Moreno, o ser humano é um ser em relação, tanto em seu desenvolvimento biológico, em que a articulação dos sistemas é fundamental para o bom funcionamento do corpo, quanto em seu desenvolvimento social, no qual o convívio com os semelhantes e o ambiente é fundamental para a constituição da subjetividade. Portanto, para localizar os registros adquiridos na Matriz de Identidade, é necessário olhar o ser humano de forma integral. Não só no cérebro, no corpo ou nas relações sociais, mas no todo integrado da pessoa.

A teoria de desenvolvimento humano de Moreno considera a Matriz de Identidade a origem à qual o ser humano se reporta durante toda sua vida futura. A construção da subjetividade continua, após os anos da primeira infância, no entanto, não se constrói para qualquer direção, mas respeita uma história de vida iniciada no primeiro átomo social.

Moreno (1975) reconhece, também, que todo ser humano é um cocriador, ou seja, é capaz responder com novidade a uma situação antiga através da ação espontânea. Essa percepção de liberdade que o



conceito de espontaneidade oferece se concretiza na possibilidade de novas reações diante de repetidos acontecimentos.

WINNICOTT E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO INDIVÍDUO

O desenvolvimento emocional do ser humano, na teoria de Winnicott, possui dois princípios fundamentais. O primeiro determina que todo ser humano possui uma capacidade de integração inata que o impulsiona por toda a vida, rumo à construção de uma existência singular. O segundo, que essa capacidade integrativa hereditária não se desenvolve independentemente de um meio ambiente favorável, é imprescindível que o ambiente social proveja suas necessidades físicas e afetivas, através da relação entre mãe e filho, ou do cuidador que desempenhe a função de maternagem.

Para Winnicott, o bebê recém-nascido vive em um mundo não integrado e só se tornará um indivíduo integrado se tiver a oportunidade de viver uma relação com uma pessoa que o olhe como um ser inteiro e respeite suas necessidades.

O processo de amadurecimento da teoria de Winnicott acontece em estágios. Estágio de dependência absoluta; estágio de desilusão e inícios dos processos mentais; estágio de transicionalidade e de uso do objeto; e, finalmente, estágio do “eu sou”, em que a criança rumo para a independência. Durante a idade adulta o ser humano alcança o estágio de independência relativa, no qual se mantém regularmente ao longo da vida. (DIAS, 2003).

A RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHO

Ao nascer, o bebê vive em uma realidade em que não existe delimitação do que seja o seu corpo e o que seja o restante do mundo. A presença da mãe, nesse tempo, é fundamental em decorrência do papel de ego substituto que desempenha junto ao bebê, possibilitando a este as primeiras experiências de contato com a realidade externa. Essa posição de ego substituto só é possível se a mãe desenvolver a preocupação materna primária, que consiste em uma identificação profunda com o bebê que a habilita a responder adequadamente às necessidades deste. Segundo Winnicott, “*é isso que confere à mãe uma capacidade especial de fazer a coisa certa. Ela sabe como o bebê pode estar se sentindo. Ninguém mais sabe.*” (WINNICOTT, 1988, p. 21). É em virtude dessa



primeira relação que o bebê pode vir a se tornar uma pessoa íntegra e se não é oferecido à criança um cuidador que ocupe esse papel primário, a constituição da criança em um ser com capacidade de interagir com o mundo à sua volta será muito dificultada.

Para Winnicott (2005), um ambiente favorável se apresenta na forma de uma mãe suficientemente boa, ou seja, uma mãe capaz de atender às necessidades da criança, respeitando seu ritmo e possibilitando, posteriormente, que essa criança se frustre. É a mãe devotada comum que desenvolveu, durante a gestação, a representação dessa criança como uma pessoa singular e pode, por isso, olhá-la como um ser integrado. Se a maternagem não for suficientemente boa, e a criança sofrer com invasões do ambiente e da própria mãe, a criança desenvolverá marcas que podem comprometer seu amadurecimento emocional.

Segundo Winnicott, a mãe proporciona à criança a sensação de segurança e amparo necessários ao seu desenvolvimento, através do contato corporal que estabelece com ela. Ao segurar seu bebê no colo, a mãe possibilita sensações de proteção física, estimula-o pelo toque da pele e proporciona uma sensação de rotina para ele. Todo esse cuidado oferecido ao bebê é chamado de *holding* e configura uma das principais funções da maternagem. Através dessa manipulação, há a estimulação do tônus muscular que propicia à criança desenvolver o sentimento de realidade.

A apresentação do objeto é outra das funções essenciais da maternagem e consiste na apresentação adequada do cuidado quando o bebê necessita. Utilizando o exemplo da amamentação, é a apresentação do seio no momento em que a criança movimenta-se em busca dele, provocando assim a ilusão de que o seio é criado por ele.

Quando a mãe percebe que seu bebê já desenvolve rudimentarmente tarefas como a integração no tempo e espaço, o alojamento da psique no corpo e o contato com a realidade, começa um período de desadaptação progressiva às necessidades do bebê, ou seja, começam a ocorrer pequenas falhas no cuidado com a criança. Esse movimento é o início do rompimento da diáde mãe-bebê. A perfeita sintonia dos primeiros meses começa a se desarticular. Esse processo coincide com a necessidade da criança de seguir sua trajetória de desenvolvimento em direção à independência da mãe.

Este não é um processo sem tensões, a separação da relação estabelecida entre mãe e filho durante os primeiros meses de vida



necessita da agressividade materna para se efetivar. A mãe também lida durante essa separação com o ódio da criança, provocado pela desadaptação.

Nesta fase de desadaptação, a mãe começa a retirar-se da tarefa de ser o ego da criança. No entanto, a criança ainda não dispõe das habilidades necessárias para se relacionar com o mundo diretamente. A criança, então, entra no período dos fenômenos transicionais.

A criança, nesta fase, adota um objeto predileto, que pode ser um cobertor, um ursinho, uma boneca, entre outros. O importante é a relação que a criança desenvolve com esse objeto. A mãe auxilia na escolha desse objeto transicional, ao utilizá-lo para tranquilizar a criança durante os momentos de ausência materna. Esse efeito tranquilizador, no entanto, só se sustenta se a mãe não se ausentar por período além do suportável pela criança. Do contrário, o objeto perde sua função e o desenvolvimento da criança ficará marcado por essa ausência. (DIAS, 2003).

Os fenômenos transicionais instauram uma fase em que a criança constrói um espaço entre ela e o mundo, esse limite ainda é muito frágil e o objeto predileto representa um espaço que faz parte da criança, da mãe e do mundo. Se essa fase for bem-sucedida, a criança poderá desenvolver a capacidade de simbolização e relação com a realidade compartilhada.

Na fase que se segue, chamada de uso do objeto, a criança que recebeu o cuidado necessário para seu desenvolvimento em cada uma das fases anteriores pode agora fazer uso da sua agressividade para expulsar parte de realidade para fora de sua percepção. Esse movimento de expulsão se expressa através de gestos agressivos com a mãe. Essa é a tentativa da criança de criar uma realidade externa a ela. Se for bem-sucedida a criança não necessita mais do objeto transicional para experimentar um espaço entre ela e o mundo. Nesta fase, a função do objeto transicional se dilui entre sua percepção subjetiva e sua percepção objetiva e a criança continua, agora através das brincadeiras, a construção do espaço de simbolização compartilhada. (DIAS, 2003).

Para Winnicott (1975), o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da criança, pois, oferece a ela um espaço onde possa, no seu ritmo, entrar em contato com a separação da mãe e elaborar as angústias que essa separação provoca. É, também, através do brincar que a criança vai criar seu modo singular de se relacionar com a realidade externa.



A criança agora pode seguir em direção à fase do eu sou, na qual ela se identifica como um ser integrado que se relaciona com uma realidade externa e compartilhada.

A RELEVÂNCIA DO CORPO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Para Winnicott, durante a gestação, o bebê vivencia a descontinuidade proporcionada pelos movimentos corporais, ou seja, ao movimentar-se no ventre materno, a criança já inicia seu despertar para a sensação de existir. Esses movimentos instauram um processo de registro de lembranças. Essas lembranças ficam registradas no corpo e começam a se agrupar para formar um ser humano com uma história singular.

Ao nascer, a criança pode expressar-se através do corpo, é com o impulso das pernas e da cabeça que começa sua jornada em um novo mundo rumo à maturação e à independência (DIAS, 2003).

Nos primeiros momentos após o nascimento do bebê, psique e soma estão indiferenciados. Através da experiência de adaptação propiciada pela boa maternagem, ocorre a diferenciação entre corpo e psique e, ao mesmo tempo, a tendência à integração age para reuni-los em uma unidade relacional.

Os primeiros contatos com a realidade externa são vividos pelo bebê através do corpo, os cuidados maternos direcionados às necessidades da criança, como a alimentação e a excreção, são a oportunidade cotidiana de que a criança necessita para se desenvolver em direção à constituição de um ser humano integrado e em relação com a realidade externa. Por possuir um corpo fragmentado em diversas funções, as primeiras sensações de unidade surgem a partir da excitação que alguns sentimentos provocam no corpo, principalmente quando associados às funções vitais. Essas excitações provocam o agrupamento dos fragmentos do corpo em um todo ainda pouco organizado, que gira em torno da excitação despertada.

A alimentação é a situação privilegiada, na qual o bebê começa a estabelecer seu contato com a externalidade e da qual a mãe é a primeira representante. Para Winnicott (2005), quando mãe e bebê entram em acordo sobre a alimentação, pode ser desenvolvida a capacidade de a criança relacionar-se com o mundo.

Ainda sem possuir a maturação necessária para diferenciar-se do mundo e das pessoas que o circunda, o bebê vai necessitar da ajuda da



mãe para apresentar em pequenas doses a realidade externa. Através do cuidado que Winnicott denominou de *holding*, a mãe oferece a segurança necessária para o saudável desenvolvimento do bebê. Este cuidado expressa-se principalmente no aconchego oferecido ao bebê quando a mãe lhe pega ao colo.

A mãe possibilita, ao despender os cuidados suficientemente bons para o bebê, que a ilusão de onipotência, essencial para o desenvolvimento da criatividade, efetive-se. É com o bom contato entre o corpo do bebê com fome e o seio acolhedor da mãe que essa ilusão de onipotência pode se constituir.

Um conceito muito importante na obra de Winnicott é a agressividade, segundo sua teoria de desenvolvimento, a agressividade será utilizada pelo ser humano durante várias fases de seu amadurecimento e é fundamental para o estabelecimento da relação entre a realidade subjetiva do ser e a realidade objetiva compartilhada. O surgimento da agressividade, também, tem direta relação com o corpo do bebê recém nascido.

O CONCEITO DE ESPONTANEIDADE

A espontaneidade na teoria de desenvolvimento de Winnicott se expressa nos primeiros momentos de vida de um recém-nascido. Quando algum impulso leva o bebê a uma tensão, esta rapidamente se transforma em uma necessidade urgente, como a fome, a excreção ou a dor. Logo essa necessidade se torna um movimento no corpo, que ficará na expectativa indeterminada de ser atendida. (DIAS, 2003) Também são espontâneos os gestos que a mãe faz na direção de atender às necessidades da criança. No entanto, a sintonia dessas ações é essencial para efetivar a função da espontaneidade, ou seja, alimentar a ilusão de onipotência da criança através da crença de que o seio, durante a fome, é criado por ela.

O encontro dos gestos espontâneos da mãe e do bebê se completa na experiência de criar o próprio mundo, fundamental para o bebê alimentar sua capacidade criativa original.

Para Winnicott, a criatividade é inata, está presente desde o início do amadurecimento do bebê. Durante as primeiras experiências de contato com a realidade, isto é, durante as primeiras mamadas, o bebê já é dotado da criatividade originária e, recebendo os cuidados necessários, contribui pessoalmente para o ato de amamentação, através da ilusão de onipotência.

Conforme nos lembra Dias (2003), para que essa criatividade



originária possa se desenvolver, é essencial que a criança receba do ambiente social o amparo correto de suas necessidades. Acolhido em suas necessidades quando criança, o indivíduo adulto continuará a exercer sua criatividade de formas cada vez mais complexas.

O conceito de criatividade de Winnicott não se relaciona apenas à produção artística, mas ao posicionamento singular do ser humano no mundo. É a criatividade que capacita o indivíduo a transitar no mundo social compartilhado sem perder o contato com seu mundo pessoal e imaginativo.

IMPORTÂNCIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA PARA A CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE

Para Winnicott (2005), não se pode conceber o amadurecimento alcançado durante a vida adulta destacado da trajetória que o indivíduo empreendeu nos primeiros anos de sua infância. Há íntima ligação entre esses estágios primitivos e o posterior desenvolvimento do ser humano. Por conceber sua teoria em estágios, Winnicott, alerta, durante a transposição de um estágio a outro, para a importância de uma boa vivência no estágio anterior, para que o indivíduo possa desenvolver com plenitude as possibilidades ofertadas pelo novo estágio em que se insere.

Winnicott (2005) chama de *self* a unidade para qual o processo maturativo se desenvolve. É através desta unidade que o ser humano adulto pode se relacionar criativamente com a realidade externa.

Para que o *self* possa se integrar em um ser humano capaz de se relacionar com a realidade externa, é fundamental que exista um ambiente comprometido em atender às necessidades primárias desse ser em formação. As características do ambiente que se responsabiliza pelo cuidado com o *self* em formação ajudam a constituir as qualidades do futuro adulto. As expectativas da família de uma criança são absorvidas pelo movimento integrativo, desenvolvendo-se posteriormente em uma organização singular de personalidade.

A relação que uma criança desenvolve durante os primeiros momentos de vida é fundamental para sua posterior constituição em um ser integrado ou não, com uma relação saudável com a realidade externa ou com várias dificuldades de se relacionar de forma autêntica com esta. O não atendimento de suas necessidades pode gerar diferentes níveis de barreiras para o contato saudável com a realidade. Quanto mais prematuro for o desamparo vivido pela criança, maior será a fissura entre o indivíduo e a realidade externa.



O fracasso materno rompe com o movimento integrativo do bebê, causando um desamparo que interrompe a sensação de constância e continuidade de existir. O indivíduo pode, então, recorrer à casca defensiva, para proteger o verdadeiro *self*, através do desenvolvimento de um falso *self*. (Florenza Neto, s/d)

Esse falso *self*, ao mesmo tempo que protege, impede que o indivíduo entre em contato com a realidade externa e estabeleça uma relação criativa com esta. Portanto, para Winnicott, a criança que se desenvolve no próprio ritmo, auxiliada pela mãe, vai tornar-se capaz de desenvolver um sentido de vida e experienciar a existência de forma autêntica. Do contrário, desenvolverá uma barreira protetora em relação à realidade que a impedirá, de construir criativamente sua relação com a sociedade. A contribuição de Winnicott à psicoterapia é o reconhecimento da função do terapeuta associada à função materna, em que o terapeuta, por certo tempo, auxiliará o paciente no contato com a realidade, acompanhando-o e respeitando seu ritmo, para assim, resgatar seu movimento de integração e o contato com o verdadeiro *self*.

DIÁLOGO ENTRE MORENO E WINNICOTT

Apresenta-se a seguir a tabela que expõe as semelhanças e as diferenças encontradas durante a aproximação entre as teorias de Moreno e Winnicott. Passa-se, em seguida, para um diálogo entre as teorias.

CONCEITOS ANALISADOS	DADOS CONVERGENTES	DADOS DIVERGENTES
A Relação entre Mãe e Filho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relação indiferenciada nos primeiros estágios. 2. Relação fundamental para o desenvolvimento da criança. 3. A mãe exerce a função de mediadora das experiências da criança. 	



CONCEITOS ANALISADOS	DADOS CONVERGENTES	DADOS DIVERGENTES
A Relação entre Mãe e Filho	4. É através dessa relação que a criança estabelece os primeiros contatos com o mundo.	
A Relevância do Corpo no Desenvolvimento Infantil	1. É através do corpo que a criança desperta para a existência. 2. É através do corpo que a relação entre mãe e filho se expressa.	
O conceito de Espontaneidade	1. Essencial para o desenvolvimento da capacidade criativa.	1. Possuem origens diferentes; para Moreno tem como fonte ela mesma; para Winnicott tem como fonte os instintos. 2. Possuem expressões diferentes; para Moreno se faz no encontro dos gestos do bebê e da mãe; para Winnicott o próprio gesto do bebê e da mãe são gestos espontâneos e seu encontro resulta em uma ação criativa.
Importância da Primeira Infância para a Constituição da Personalidade	1. Fundamental para o desenvolvimento da personalidade	



A RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHO

A relação entre mãe e filho apresentou muitas semelhanças, os dois autores consideram fundamental a presença da mãe, ou de um responsável pela maternagem, que atenda às necessidades do bebê, respeitando o ritmo deste. Essa é uma relação que tem seu início, para ambas teorias, já durante a gestação com o reconhecimento pela mãe dos movimentos do bebê. Ao nascer, a criança está em um universo indiferenciado, em que não há limite entre o “eu” e o “não-eu”. Também a relação entre mãe e filho não apresenta limites de diferenciação e, por isso, é necessário que a mãe se posicione como mediadora do contato do bebê com o mundo, apresentando esse mundo lentamente e em doses suportáveis ao bebê.

A RELEVÂNCIA DO CORPO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

É através do corpo que a criança desenvolve as primeiras experiências com a realidade. Tanto Moreno quanto Winnicott destacam as funções vitais do corpo como, alimentação e excreção como as portas de entrada para o contato com a realidade. Para ambos os teóricos, o corpo da criança nasce fragmentado e as tensões provocadas pelas funções vitais oferecem a sensação rudimentar de um corpo agregado. A relação entre mãe e bebê se expressa através do corpo, é no encontro das necessidades do corpo do bebê, com o gesto de cuidado do corpo da mãe que a relação entre os dois se constrói e, paralelamente, a capacidade de simbolização da criança é erigida.

O CONCEITO DE ESPONTANEIDADE

O conceito de espontaneidade é o que apresenta mais posições divergentes, no entanto, observando com cuidado essas divergências, detecta-se que elas se apresentam principalmente na relação entre a espontaneidade e a criatividade. Para os dois teóricos o bebê nasce com uma capacidade inata para criar, no entanto, Moreno a denomina de espontaneidade e Winnicott dá a ela o nome de capacidade criativa originária. Winnicott chega a utilizar a palavra espontaneidade em sua teoria, mas para descrever os gestos da criança em busca de saciar sua excitação, bem como, também o são, os gestos da mãe no sentido de saciar a necessidade da criança. Moreno denominou estes gestos como aquecedores preparatórios físicos, no caso da criança e mentais, no caso da mãe. Para Winnicott, o encontro do gesto da mãe em sintonia com





o gesto do bebê era a primeira ação criativa do ser humano, e o pleno desenvolvimento dessa capacidade criativa propicia ao indivíduo a ponte entre o seu mundo subjetivo e o mundo socialmente compartilhado. Essa mesma definição que Winnicott dá para a criatividade, Moreno utiliza para definir a espontaneidade, o encontro dos gestos da mãe com os do bebê, desenvolve-se para efetivar a possibilidade de comunicação entre a dimensão imaginária, palco dos papéis psicodramáticos e a dimensão social, palco dos papéis sociais.

A principal diferença da constituição da capacidade humana de criar reside na forma como cada um dos autores descreve seu surgimento. Para Moreno, a espontaneidade é pura e instantânea, já para Winnicott, os gestos espontâneos originam-se dos instintos.

A IMPORTÂNCIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA PARA A CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE

Os dois teóricos consideram os primeiros momentos de vida da criança fundamentais para a constituição de sua futura personalidade e capacidade de simbolização. Tanto para Moreno quanto para Winnicott, o ambiente promotor do desenvolvimento da criança deixa marcas na constituição subjetiva do futuro adulto e, conseqüentemente, também, na forma como este se relacionará com a externalidade. Se o ambiente oferecer os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento da criança, esta se desenvolverá em um adulto que articula suas necessidades singulares com as demandas da sociedade em que está inserido. Do contrário, se o ambiente não oferece esses cuidados e a criança é invadida e desrespeitada em seu ritmo de amadurecimento, ela desenvolverá barreiras que a impedirão de se relacionar criativamente com o mundo que a circunda. Moreno e Winnicott não são fatalistas e creem na reabilitação de crianças e adultos através da psicoterapia.

CONCLUSÃO

As teorias apresentadas sinalizam a necessidade de fomentar trabalhos que possam sensibilizar pais, cuidadores e professores sobre a importância dos primeiros vínculos estabelecidos entre eles e as crianças para o desenvolvimento saudável destas. Essas teorias nos possibilitam pensar em práticas coletivas que promovam reflexões sobre o papel de cuidador





(mãe, pai, parentes etc.) como instrumento que facilite a espontaneidade no desenvolvimento desse papel, que é tão carregado de conservas culturais. Esses espaços que podem ser desenvolvidos em diversas instituições: escolas, centros comunitários, postos de saúde, igrejas, entre outros, podem exercer uma função de prevenção e promoção do desenvolvimento saudável da capacidade simbólica de crianças e adultos. A experiência de compartilhar informações com pessoas que estejam vivenciando as mesmas situações pode possibilitar a desmistificação dos comportamentos que “devem” ser adotados na educação das crianças. A desconstrução da imagem conservada desses papéis sociais possibilita uma vinculação mais criativa e espontânea que, desse modo, beneficia os dois envolvidos na relação: o adulto e a criança.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- DIAS, Elsa. O. *A ilusão originária*. In: **Revista Viver Mente e Cérebro: Winnicott, os sentidos da realidade**. Coleção Memória da Psicanálise. v. 5, ed. especial. São Paulo: Duetto, pp. 40-51, 2005.
- _____. **A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FLORENZA Neto, O. *Constituição do si-mesmo e transicionalidade*. In: **Revista Viver Mente e Cérebro: Winnicott, os sentidos da realidade**. Coleção Memória da Psicanálise, v. 5, ed. especial. São Paulo: Duetto, p. 16-21, s.d.
- FONSECA Filho, J. S. **Psicodrama da loucura**. São Paulo: Ágora, 1980.
- _____. **Psicoterapia da Relação**. São Paulo: Ágora, 2000.
- GONÇALVES, C. S. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.
- MENEGAZZO, Carlos M. **Magia, Mito e Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1994.
- MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- NAFFAT Neto, A. **Psicodramatizar**. São Paulo: Ágora, 1980.
- PARENTE, S. M. B. A. *A criação da externalidade do mundo*. In: **Revista Viver Mente e Cérebro: Winnicott, os sentidos da realidade**. Coleção Memória da Psicanálise, v. 5, ed. especial. São Paulo: Duetto, p. 22-27, 2005.
- WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **O brincar e a realidade**. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. **A criança e o mundo**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- _____. **Os bebês e suas mães**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Ana da Fonseca Martins
 Rua Dulce Maria, 506 ap. 201
 31240 160 Ipiranga
 Belo Horizonte, MG
 anamart79@hotmail.com

Iza Rodrigues da Luz
 Av. Antônio Carlos, 6627
 31270-901 Pampulha
 Belo Horizonte, MG
 izarodriguesluz@gm